

IMPLICAÇÕES DO PRINCÍPIO DA ABERTURA NO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO DESDE A PERSPECTIVA QUALITATIVA

*IMPLICATIONS OF THE PRINCIPLE OF OPENNESS IN THE RESEARCH PROCESS
FROM A QUALITATIVE PERSPECTIVE*

*IMPLICACIONES DEL PRINCIPIO DE APERTURA EN EL PROCESO DE
INVESTIGACIÓN DESDE UNA PERSPECTIVA CUALITATIVA*

Ana Paula Vieira Vilaça
anapaulavilaca13@hotmail.com
POSENSINO - UERN/IFRN/UFERSA, Brasil



María Margarita Villegas
margaritavillega@hotmail.com
Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil



Luciana Medeiros Bertini
luciana.bertini@ifrn.edu.br
Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Brasil



Recibido: 16 de agosto de 2022
Aceptado: 4 de mayo de 2023
Publicado: 1 de julio de 2023

Cita sugerida: Vieira Vilaça, A. P.; Villegas, M.M. y Medeiros Bertini, L. (2023). Implicações do princípio da abertura no processo de investigação desde a perspectiva qualitativa. *Revista de la Escuela de Ciencias de la Educación*. 2(18) 78-94.

RESUMO

Este ensaio propõe uma discussão balizada pelo objetivo de contemplar as dimensões da pesquisa qualitativa à luz do princípio da abertura. Para tal, delineamos um percurso metodológico que discute a abertura como princípio para a definição do contexto investigativo (ontologia), na abordagem dos propósitos da pesquisa (teleologia), em seus valores e motivações que sustentam o uso da teoria



e a relação com os sujeitos envolvidos no processo (epistemologia) e, finalmente, a abertura como premissa para a interpretação dos dados obtidos e na produção de teorias (metodologia). O resultado é a reflexão de um processo investigativo cuja centralidade está no objeto de estudo, o qual se revela como preliminar durante toda pesquisa ao ser construído junto aqueles que lhe estão próximos, em uma ação que parte da abertura do pesquisador em buscá-lo tal como é apresentado em seu contexto de origem.

Palavras-chave: Abertura – Ontologia – Teleologia – Epistemologia – Metodologia.

ABSTRACT

This essay proposes a discussion guided by the objective of contemplating the dimensions of qualitative research in the light of the principle of openness. To this end, we outline a methodological path that discusses openness as a principle for the definition of the investigative context (ontology), in the approach of research purposes (teleology), in its values and motivations that support the use of theory and the relationship with the subjects. involved in the process (epistemology) and, finally, the opening as a premise for the interpretation of the data obtained and the production of theories (methodology). The result is the reflection of an investigative process whose centrality is in the object of study, which is revealed as a preliminary throughout the research when it is built together with those who are close to it, in an action that starts from the researcher's openness to seek it as such. as it is presented in its original context.

Keywords: Opening – Ontology – Teleology – Epistemology – Methodology.

RESUMEN

Este ensayo propone una discusión guiada por el objetivo de contemplar las dimensiones de la investigación cualitativa a la luz del principio de apertura. Para ello, esbozamos un camino metodológico que discute la apertura como principio para definir el contexto investigativo (ontología), en el abordaje de los fines de la investigación (teleología), en sus valores y motivaciones que sustentan el uso de la teoría y la relación con sujetos involucrados en el proceso (epistemología) y, finalmente, la apertura como premissa para la interpretación de los datos obtenidos y la producción de teorías (metodología). El resultado es el reflejo de un proceso investigativo cuya centralidad está en el objeto de estudio, que se revela como preliminar a lo largo de la investigación cuando se construye junto a quienes están cerca de ella, en una acción que parte de la apertura del investigador a búsquenlo como tal, tal como se presenta en su contexto original.

Palabras clave: Apertura – Ontología – Teleología – Epistemología – Metodología.

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, mais precisamente no período chamado moderno e pós-moderno, a sociedade se movimenta em um acelerado ritmo de mudanças que abrange todas as esferas sociais. Essas transformações são consequências da pluralização dos estilos de vida, cuja chave de compreensão está na progressiva

Revista de la Escuela de Ciencias de la Educación. 2023, Año 19 2(18). 78-94. Julio a diciembre. Vieira Vilaça, A. P.; Villegas, M. M. y Medeiros Bertini, L. Implicações do princípio da abertura no processo de investigação desde a perspectiva qualitativa.

singularidade das vivências individuais, nos padrões biográficos e no rompimento de antigas concepções sociais frente às novas diversidades de estilos, culturas e segmentos de vida (Flick, 2008).

Nessa conjuntura, as pesquisas qualitativas são orientadas por estratégias fortemente indutivas (Mattos, 2001), nas quais o pesquisador se insere em um espaço epistemológico pluralista que exige dele uma postura ativa frente a investigação, dado o caráter interativo e subjetivo do objeto de estudo (Rey, 2011). Junto a isso, a subjetividade própria do contexto de pesquisa, sinaliza para a necessidade de um sujeito pesquisador dinâmico, não restrito às relações, mas aberto a construção de ideias que partem do surgimento de novos elementos do ambiente pesquisado e apontam caminhos de diferentes processos que podem gerar outras produções teóricas (Pinto & Paula, 2018).

Nesse sentido, partimos do entendimento de Bosi (2012), quando esta afirma que uma pesquisa qualitativa bem feita deve contemplar em sua realização uma consistente harmonia entre os níveis ontológicos, metodológicos e éticos. O significado desta tríade se resume a determinar a clareza da definição do objeto de estudo, a utilização de conceitos adequados ao que se pretende pesquisar, o reconhecimento de vínculos nas diferentes tradições apresentadas, adoção de modelos abertos de pesquisa e procedimentos indutivos como forma de preservar a reflexividade, isto é, uma postura autocrítica ao longo de toda investigação, a qual permite a integração e o gerenciamento das diferentes etapas do processo, considerando as técnicas de pesquisa e coleta de dados como assuntos de ordem teórica.

São estas características que determinam o forte vínculo das pesquisas qualitativas com o princípio da abertura, quase como um apelo a fazer mais justiça ao objeto de estudo, cuja importância o revela como ponto central da investigação ao submeter todos os outros aspectos da pesquisa a ele (Flick, 2004). Isso significa que, de acordo com o princípio da abertura, tanto o objeto de estudo como todas as dimensões da pesquisa, não são impostas por meio de predefinições, mas construídas junto aos demais atores que irão participar da investigação, em uma dinâmica que parte, inicialmente, da abertura do pesquisador em buscar o fenômeno, aqui compreendido como objeto de estudo, tal como ele se apresenta em seu contexto de origem (Zanette, 2017).

É essa abertura que permite a apropriação do fenômeno como algo preliminar durante todo o processo de pesquisa, na certeza de que este só se revela em suas verdadeiras formas ao final da investigação. Esse princípio sugere ao pesquisador construir o fenômeno de estudo com base na vida cotidiana e pelo modo como esta se apresenta em cada caso específico, ao invés de compreendê-lo pelos métodos empregados em seu estudo. Isso determina que as teorias não devem ser impostas aos sujeitos, mas construídas junto a eles por meio dos dados empíricos fornecidos pelo contexto de investigação (Flick, 2009). O princípio da abertura nas pesquisas qualitativas implica, dessa forma, que toda estruturação teórica da investigação seja adiada até que o tema surja e ganhe estrutura junto às pessoas que também irão integrar a pesquisa (Flick, 2009, como se citó em Hoffmann-Riem, 1980).

Portanto, é com base no entendimento de que as pesquisas qualitativas essencialmente solicitam do pesquisador um nível de abertura suficiente para o seguimento da investigação, que buscamos delinear esta discussão com o objetivo de refletir a respeito da inserção do princípio da abertura em cada dimensão da pesquisa: no contexto/realidade do estudo (dimensão ontológica); na abordagem dos propósitos da pesquisa (dimensão teleológica); na (dimensão epistemológica) e seus valores e princípios que sustentam no uso da teoria e na relação com os sujeitos de pesquisa; na (dimensão metodológica), interpretações das informações obtidas e a produção de teoria.

Partindo dessa perspectiva, traçamos um caminho metodológico definido por um ensaio teórico, cuja organização se define em quatro seções correspondentes às dimensões ontológica, teleológica, epistemológica e metodológica. Em cada seção são discutido os principais aspectos das investigações qualitativas e como estes podem ser contempladas à luz do princípio da abertura. Ao final, delineamos algumas considerações sobre o estudo, destacando o posicionamento dos autores e coautores deste trabalho acerca da discussão, além dos principais desafios do processo de pesquisa e possíveis contribuições.

DESENVOLVIMENTO

Princípio de abertura no contexto/realidade da pesquisa

As pesquisas qualitativas têm sua gênese no caráter ontológico próprio do ser humano, como algo intrínseco da sua existência, da sua relação com o mundo na temporalidade, o qual precede o interesse de ordem teórica ou pragmática (Heidegger, 2014). Com isso, a ação de compreender parte de uma abertura às possibilidades, em algo contínuo situado no tempo, sustentado na certeza de que não há objeto compreendido, definitivo, mas uma dinâmica de compreensibilidade sujeita a mudanças. O ato de compreender, dessa forma, envolve um saber prático, um fazer que está acima do cumprimento de objetivos prescritos nas ciências, o qual se configura como o fundamento da busca pelo conhecimento (Stefani & Cruz, 2019).

Esse entendimento indica um caminhar ao encontro do objeto de estudo a partir de uma postura empática, considerando a relação deste com a realidade que o envolve e influencia (Bicudo, 2012). Este é um movimento ontológico que ultrapassa o rigorismo de um método ou uma técnica de pesquisa e se fundamenta na concepção de que o ato de investigar é, antes de tudo, uma ação humana. Essa é uma forma de abertura que conduz as verdades intrínsecas existentes no interior daqueles indivíduos que estão envolvidos no fenômeno investigado e transitam pelas subjetividades do investigador (Júnior & Costa, 2020).

Nesse sentido, a investigação prática perpassa, inicialmente, por uma atitude pessoal do pesquisador em “querer-saber”, movido por um sentimento de admiração, curiosidade e perplexidade frente ao objeto de estudo, iniciando uma conduta fenomenológica cujo objetivo é a compreensão e/ou interpretação de um fenômeno percebido (Spence, 2017; Kluth, 2005). Diante deste movimento que

emerge do pesquisador em querer investigar, conhecer e mergulhar na compreensão de um fenômeno potencialmente relevante para ele, este deve conduzir sua pesquisa por caminhos que o permita adentrar na realidade a qual pretende investigar e determinar os pontos de interesse fundamentais para o cumprimento do seu objetivo (González, 2020).

Essa fase da investigação, quando contemplada à luz do princípio da abertura, solicita do pesquisador o adiamento da estruturação teórica do tema de modo que este não seja definido, imposto, delimitado, mas que seja construído pelos indivíduos por ele estudado. Isso determina a suspensão dos conhecimentos teóricos apriorísticos e sugere uma maior atenção com o tratamento das hipóteses e uma menor decisão quanto às questões de pesquisa (Flick, 2009 apud Hoffmann-riem, 1980).

Essa perspectiva de investigação propõe ao pesquisador uma atitude próxima ao que Freud (2006) denomina de "atenção uniformemente suspensa", cujo fundamento sugere uma postura de observação aberta, sem a preocupação de concentrar demasiadamente sua atenção em pontos pré-definidos. Trata-se de evitar os desvios gerados pela atenção determinada, como o risco de selecionar o material apresentado com especial clareza de elementos particulares e negligência de algum outro ponto potencialmente relevante, tendo como resultado o seguimento de suas próprias inclinações e a possibilidade de não descobrir o desconhecido e desvirtuar o que se pode descobrir (Fonseca, 2017).

Aproximando esse postulado das pesquisas qualitativas chegamos no entendimento de que, ao delimitar sua atenção a pontos específicos do contexto investigado, seja pelas suas próprias inclinações, aportes teóricos que sustentam sua observação ou até mesmo por insegurança, o pesquisador pode incorrer no risco de se fechar a elementos importantes das estruturas do campo e aos indivíduos da investigação, limitando à pesquisa a não descoberta do novo (Flick, 2008). Esta afirmação se origina no fato de que, não obstante a natureza do objeto de estudo, este se encontra inserido em uma realidade resultante de uma construção social, cuja compreensão solicita uma perspectiva abrangente, no qual os elementos de uma determinada situação são visualizados em sua totalidade, com estima das interações que estabelece e suas mútuas influências (Alves, 1991).

Embora o princípio da abertura não corresponda a elaboração *a priori* de hipóteses, não anula ou, sequer, diminui a necessidade da elaboração e reformulação das questões de pesquisas, cuja determinação se constitui como elemento fundamental da investigação, influenciando decisões importantes que vão desde a definição da teoria até à escolha de métodos e técnicas de coleta de dados e interpretação destes. Por isso, as questões de pesquisas precisam ser claras, com aspectos tangíveis capazes de elucidar particularidades do campo investigado que os indivíduos eventualmente possam revelar. Caso estas questões não estejam adequadamente clarificadas, o pesquisador se arrisca na possibilidade de não saber lidar com o tratamento e a interpretação dos dados obtidos (Flick, 2009).

Essa clareza na definição das questões de pesquisas sinaliza a necessária abertura de sua elaboração de modo a contemplar a ocorrência de resultados não esperados e imprevisíveis, ao passo que constrói a ontologia de realidade da

pesquisa qualitativa (Araújo *et al.*, 2018). Considerando que todas as áreas de interesse das investigações qualitativas são essencialmente complexas, o pesquisador pode, por exemplo, dirigir sua atenção a aspectos da realidade como elementos afetivos relacionados a sentimentos, ações e expressões das pessoas, ou a elementos mais amplos, como as manifestações de um grupo social, condicionantes de uma situação específica, vida de uma comunidade, experiências e organização estrutural de uma população (González, 2020).

No geral, pensar a ontologia das investigações qualitativas à luz do princípio da abertura, remete diretamente à forma de tratamento das hipóteses em detrimento à elaboração da questão de pesquisa. Essa atitude consiste em prolongar a estruturação da questão de pesquisa de modo que a formulação das hipóteses não seja baseada em suposições e prognósticos, de forma subjetiva e estimativa; e compreende que a questão de pesquisa, embora se defina a partir do aporte teórico do pesquisador e esteja submetida a influências de seu contexto social e interesses pessoais, deve ser suficientemente aberta para abranger eventuais elementos novos e surpreendentes que possam surgir no decorrer da investigação (Flick, 2009).

No princípio de abertura na abordagem das perguntas/objetivos/propósitos da pesquisa

Ao passo que o investigador se lança na compreensão do objeto de estudo e busca delinear sua atenção canalizando os pontos de interesse da investigação na questão de pesquisa, é importante que agora este ofereça respostas aos propósitos de justificação de sua tarefa, aos objetivos, intenções e motivações que irão conduzir as próximas etapas da investigação (González & Villegas, 2009).

Essa intencionalidade tem seu fundamento na dimensão teleológica que se sustenta na prerrogativa da existência de algo no presente com potencial de originar algo no futuro. Isto é, no entendimento de observar as coisas presentes em vista de um possível resultado que estas podem gerar. Quem pesquisa, o faz com alguma intenção e no cerne de todo problema existe um propósito. Toda questão é pesquisada em função de um objetivo, toda transformação é balizada pela preocupação com os fins. Portanto, a teleologia se revela na potencialidade do presente, na percepção de onde estou e na perspectiva de onde quero chegar (Griffiths, 2021).

Na prática, essa intencionalidade, quando fundamentada no princípio da abertura, pode se expressar na elaboração e seguimento de objetivos delineados por verbos abertos o suficiente para permitir ao pesquisador a ação de ouvir, construir, ponderar, questionar e formular uma tese estimulante e fiel ao fenômeno investigado (Júnior & Costa, 2020). Isso evita que este incorra no erro de construir o objeto de estudo utilizando os mesmos meios empregados para estudá-lo; e torna possível a retomada da vida cotidiana e seu modo de ocorrência em cada situação. Isto é, no empenho de concentrar menos esforços no estudo do que já é conhecido, como teorias já desenvolvidas, por exemplo, e mais atenção em investigar o desconhecido e construir teorias fundamentadas empiricamente (Flick, 2009).

Estes objetivos devem conduzir o pesquisador à construção de teorias ao longo de sua tarefa no campo a partir de uma coleta de dados flexível, de modo que os conteúdos descobertos de forma preliminar estejam constantemente submetidos a reflexão, revisão e complementação durante todo o processo investigativo (Gasque, 2007). Nesse sentido, a finalidade maior da pesquisa não deve ser orientada pela intenção de elaborar teorias gerais, verdadeiras e imutáveis, mas de explicar os padrões de vida dos sujeitos pesquisados, suas interações, perspectivas, movimentos e, sobretudo, como constroem e influenciam a realidade daquele recorte do contexto escolhido para ser investigado (Dias et al., 2019).

Junto a isso, reforça-se o propósito de retardar o arranjo teórico do tema de modo que este seja delineado pelos sujeitos pesquisados. Isso exige que o pesquisador não deve organizar seus objetivos de maneira linear, tendo como premissa o conhecimento teórico disponível na literatura para então elaborar suas hipóteses e testá-las de forma empírica, mas deve conservar a reta intenção disposta pelo princípio da abertura que prevê a suspensão de estratégias apriorísticas para privilegiar a descoberta do objeto de estudo por meio dos dados que lhes são apresentados durante a atividade de campo (Flick, 2004, como se citó em Hoffmann-Riem, 1980).

Isso fortalece a certeza de que nas pesquisas qualitativas a atenção maior do pesquisador não deve ser voltada a escolha e definição de métodos, mas sim na interpretação dos dados para posterior elaboração de teorias (Patias & Hohendorff, 2019), de modo que os primeiros estejam submetidos ao segundo e não o contrário. Dessa forma, os objetivos devem ser abertos o suficiente para conduzir o pesquisador a uma observação atenta dos movimentos que excedem o visível, ou seja, a elementos subjetivos com potencial de complementar os dados objetivos, como por exemplo, a percepção da sensibilidade do participante, um gesto, um olhar, uma entonação da voz, um movimento involuntário. Tudo isso são informações declaradas inconscientemente com grande validade para a interpretação dos dados e construção de teorias (Prigol & Behrens, 2019).

Em outras palavras, a intenção do pesquisador deve se voltar intensamente à interpretação dos dados e não ao modo como estes serão coletados. As decisões quanto à seleção das informações e os métodos a serem utilizados devem se submeter às condições da teoria ainda em desenvolvimento logo após a análise dos dados já coletados (Andrews et al., 2017). Isso implica a suspensão de um referencial teórico *a priori*, de forma a não macular o mérito dos dados coletados ou então de desviar a atenção do pesquisador, já que a intenção maior é a formulação de teorias a partir dos dados empíricos, cuja prática se reflete na elaboração de um objetivo geral de pesquisa consideravelmente aberto (Souza & Bellochio, 2019).

Embora as intenções do pesquisador sejam, por natureza, carregadas de princípios apriorísticos, sua postura enquanto tal deve conservar uma atitude de abertura, flexibilidade, tolerância, docilidade e empatia para fazer jus à diversidade, aos múltiplos estilos de vida cotidiana, ao contexto de estudo e à percepção de situações específicas. É essa postura que determina os objetivos, os quais se tornam o fio condutor da pesquisa, cujo seguimento é orientado para um determinado fim

que deve responder ao porquê da investigação. Ao esclarecer esses propósitos e aliá-los ao entendimento da razão última da pesquisa, o investigador terá subsídio para tomada de decisões e a determinação de ações adequadas ao longo de sua tarefa investigativa (González & Villegas, 2009).

Princípio de abertura na dimensão epistemológica e seus valores e princípios que sustentam o uso da teoria na relação com os sujeitos de pesquisa

Ao passo que o pesquisador oferece respostas ao porquê da pesquisa através da elaboração de objetivos cuidadosamente delineados, tendo em vista a descoberta e construção de novas teorias por meio das informações que lhes serão apresentadas durante a imersão no contexto de estudo, este deve, portanto, considerar a dimensão epistemológica de seu trabalho, desenvolvendo um empenho cognitivo para conhecer e comunicar o conhecimento (Heck, 2019). Esse processo exige a consciência de que os dados não são fornecidos, mas construídos a partir das informações coletadas em campo, cuja ação é determinada pelo esforço do pesquisador em observar as questões epistemológicas envolvidas nos dados coletados (González, 2020).

Com isso, a medida que o pesquisador se empenha na tarefa de pensar, levantar hipóteses, traçar estratégias metodológicas e construir teorias, o faz a partir de seu lugar epistemológico, em uma dinâmica que coloca em projeção a subjetividade como terreno fértil para a produção do conhecimento (Peres, 2019). É no movimento cotidiano da pesquisa, na determinação de práticas, métodos e teorias que a força epistemológica, unida as relações políticas, se misturam com as intenções e subjetividade do pesquisador, criando as condições necessárias para que, de fato, a pesquisa se realize (Martino & Marques, 2018).

Nesse processo, a subjetividade, tanto do pesquisador como do pesquisado, se torna parte integrante da investigação (Silva et al., 2018), fornecendo informações relacionadas a atitudes, impressões, observações, movimentos e sentimentos, que complementam os dados objetivos e contribuem para a interpretação e construção das teorias. A consideração dessa subjetividade reivindica uma postura de abertura que permite a interpretação de informações objetivas, subjetivas e intersubjetivas da investigação, permitindo a elaboração de compreensões menos fracionadas que respeitam as particularidades de cada indivíduo (Prigol & Behrens, 2019).

Essa dimensão epistemológica da pesquisa, quando aproximada do princípio da abertura, conduz o pesquisador a adentrar no contexto investigado com a reta intenção de investigar o objeto de estudo com a consciência de que este se encontra inserido em um determinado contexto como um fenômeno em movimento, sujeito a mudanças resultantes das influências daqueles que o constroem. Isso significa a necessidade de ter sempre à vista o caráter transitório e variável do objeto de estudo, o qual deve ser compreendido como algo preliminar até o final da investigação, na certeza de que este se revela tal como é apenas no final (Flick, 2008).

Nessa dinâmica de compreensão, o pesquisador deve expandir o horizonte do fenômeno investigado ao contexto de seu entorno por meio de uma aproximação empática com a realidade existente no encontro com o outro (Bicudo, 2021). Essa abertura de horizontes permite que a coisa apareça, aqui compreendida como fenômeno investigado, cuja compreensão não se restringe a uma conformação do intelecto a ele, mas se realiza a partir da dimensão ontológica que o define. Isso sugere que o fenômeno deve ser construído, concebido a partir dos significados que os sujeitos pertencentes ao seu entorno lhes atribuem, aliado a uma descrição detalhada dos elementos que o influenciam (Augusto et al., 2013).

Esse entendimento envolve uma postura de abertura em relação ao outro, um questionar, um investigar, um indagar a pessoa enquanto sujeito participante da investigação, através de uma postura que prevê um olhar de alteridade para ver o outro em sua singularidade (Júnior & Costa, 2020). Na filosofia de Gadamer (2002), o cerne da interpretação do fenômeno está na alteridade que permite chegar ao outro e romper com a centralidade do "eu" ao passo que este possibilita a compreensão de algo. É ser cidadão de dois mundos a medida em que se abre ao próximo "pela pertença a um mundo dado pelos aspectos imanentes ao contexto no qual está inserido o indivíduo, ou seja, pela própria cultura" (Brito, 2019, p. 61).

Nessa relação entre sujeitos, o essencial consiste em ver o outro como outro, considerando suas intenções, motivações e costumes, permitindo que este possa expressar algo. Isso só é possível a partir da abertura. Uma abertura que parte de ambos os lados, tanto de quem fala, como de quem ouve. Essa reciprocidade estabelece o vínculo humano pelo qual o outro fala e escuta. No entanto, a mútua compreensão não significa compreender o outro de cima para baixo ou, igualmente, escutar o outro e realizar inconscientemente o que este propõe, isso reduziria a abertura a uma relação de submissão. "A abertura para o outro implica, pois, o reconhecimento de que devo estar disposto a deixar valer em mim algo contra mim, ainda que não haja nenhum outro que o faça valer contra mim" (Gadamer, 2015, p. 472 [367]).

Neste caminhar ao encontro do outro tendo como princípio a abertura, à compreensão se submete ao ato de perguntar, a efetivação de uma conversa legítima balizada pelo *lógos*, não limitada ao meu, tampouco ao seu, mas consideravelmente superior a subjetividade do outro, de modo que o sujeito condutor da conversa se mantém na posição daquele que nada sabe (Gadamer, 1990). Nessa abertura não existe resposta definida ou uma categoria prévia a qual possa ser adequada, o controverso do que se pergunta deve se manter em aberto como uma forma de conservar a abertura representada pela competência de não conceber ideias encerradas, mas de preservar a certeza de que não é possível compreender algo pela precipitação ou antecipação de ideias (Hermann, 2014).

Essa visão epistemológica de abertura ao outro como um movimento de interpretação do fenômeno estudado, retoma a importância da subjetividade no processo de investigação qualitativa e reconhece a incoerência de domínio do pesquisador sobre a compreensão. Isso é o mesmo que abandonar a atitude pretenciosa de controlar o processo de pesquisa e se lançar nos discursos, nos diálogos, interações e relações, na tentativa de alcançar um significado que está

sempre em movimento, no sentido de não ser imutável, dogmático, definitivo. Dessa forma, a abertura como princípio das investigações qualitativas se assemelha a uma interpretação hermenêutica, ao passo que entende o uso de parâmetros racionais como insuficientes na missão de compreender, uma vez que seu fundamento se encontra na busca de sentido e interpretação (Alves, 1991).

Princípio de abertura na dimensão metodológica, nas interpretações das informações obtidas e a produções de teoria

Compreende-se, portanto, que ao longo do seguimento da investigação a postura metodológica do pesquisador deve conservar um nível de abertura necessário para contemplar a abrangência de múltiplos agentes, a identificação de novas situações e as possibilidades de adequação destas na análise. Essa abertura do pesquisador se sustenta na consciência do caráter provisório de todo processo de construção da teoria, sua fluidez e adequação à temporalidade e ao processo (Strauss & Corbin, 1997).

Em práxis, essa abertura pode ser garantida por meio da utilização de métodos que privilegiam a fala, o diálogo, a oportunidade para o outro expressar seus anseios, pensamentos e perspectivas. Métodos que não sejam fechados em si mesmos, mas que permitam ao pesquisador ir de encontro a alteridade do outro, o que, segundo Gadamer (2002), é o ponto central para a compreensão de um fenômeno percebido. Há variadas alternativas que sugerem a definição da coleta e análise dos dados verbais, uma decisão que deve estar de acordo com a natureza do material a ser obtido. Em estudos biográficos, por exemplo, as narrativas se adequam melhor do que entrevistas semi-estruturas, já em pesquisas de processos de construção de opiniões, o tratamento com os grupos parecem mais oportuno. Estas são decisões que devem ser orientadas pela questão de pesquisa (Flick, 2009).

Tudo isso deve permitir ao pesquisador o cumprimento da investigação, à medida que este se serve do referencial metodológico disponível para (1) coleta dos dados verbais, (2) leitura desse material, (3) divisão dos dados em unidades, (4) organização e enunciação dos dados brutos e (5) síntese dos resultados (Lazzarin, 2017). É, dessa forma, a abertura de se permitir compreender o objeto de estudo a partir da construção de Teorias Fundamentadas Empiricamente. Um caminho metodológico proposto por Barney Glaser e Anselm Strauss em 1960, cuja centralidade se baseia na indução e dedução como estratégias para compreender as vivências e inter-relações de sujeitos que integram um contexto social específico. O resultado seria, dessa forma, uma contínua e sistemática análise de dados e geração de resultados com o objetivo de descrever um fenômeno e sua influência no seu entorno social (Medeiros et al., 2020).

Portanto, a compreensão do objeto de estudo se fundamenta nos aspectos de amostragem teórica, como um recurso para a escolha detalhada de uma amostra, na codificação teórica como estratégia para interpretar os textos e na redação da teoria como uma sugestão de apresentar os resultados da análise do material empírico. Estes aspectos estão fortemente concentrados na interpretação dos dados, não interessando a forma como eles serão coletados. Todas as decisões referentes à incorporação de informações e escolha de métodos estão submetidas

às condições da teoria em desenvolvimento à medida que os dados já se encontram em mãos (Flick, 2008).

Isso significa que o pesquisador irá coletar os dados para gerar teorias, codificá-los, analisá-los e decidir quais deles deverão ser coletados posteriormente e como obtê-los, com a finalidade de desenvolver sua teoria, em um processo conduzido pela teoria já desenvolvida até então. Em outras palavras, o investigador conserva uma postura de abertura diante do objeto de estudo, ao passo que este decide a seleção e obtenção do material empírico ao longo do processo de coleta e interpretação dos dados, de acordo com o referencial de amostragem teórica proposto por Glaser e Strauss (1967).

Essa amostragem pode partir dos grupos que serão comparados, dos indivíduos especificamente ou de espaços concretos. Independentemente de sua concentração, a definição da amostragem deve se basear no critério de maior contribuição à teoria em desenvolvimento em função das condições da teoria já elaborada. Ou seja, é a partir do material já coletado que se define o nível da amostragem (grupos, indivíduos, lugares etc.) que seja mais promissor a criação de novos *insights* as teorias em desenvolvimento. O critério balizador dessa seleção é a indagação dos próximos grupos participantes da coleta dos dados e os propósitos que justificam tal escolha. Diante das múltiplas possibilidades de combinação, esta definição deve ser orientada por sólidos referenciais teóricos (Glaser & Strauss, 1967).

Outro ponto importante com relação a coleta de dados para a elaboração de teorias, é o discernimento do pesquisador em saber o momento adequado para interromper este processo. A esta questão, Glaser e Strauss (1967) propõem a chamada "saturação teórica", um critério que consiste na avaliação de quando finalizar a amostragem dos níveis relativos a uma categoria. Isso ocorre à medida que o pesquisador não encontra mais informações complementares pertinentes ao desenvolvimento das particularidades da categoria. O processo de amostragem teórica e obtenção de outros materiais é concluído quando se atinge a saturação teórica de uma categoria, ou seja, quando se alcança um sólido nível conceitual, suficiente para a construção de teorias consistentes e formais (Souza & Bellochio, 2019).

De posse desse material coletado a partir da amostragem teórica, o pesquisador se empenha agora na interpretação desses dados. Como mencionado anteriormente, a interpretação das informações coletadas é o ponto alto das investigações qualitativas, cujo procedimento deve se manter vinculado à forma de coleta do material, bem como da amostragem teórica. É na interpretação que se encontra o sustentáculo de decisão sobre os dados a serem incluídos na análise e quais os métodos mais adequados para a sua coleta. Este processo pode ser realizado a partir de diferentes estratégias de tratamento dos textos, correspondentes a codificação aberta, codificação axial e codificação seletiva (Koerich et al., 2018).

Vale ressaltar, porém, que esses procedimentos não são nitidamente distintos, tampouco compreendidos como fases independentes. É possível que, no decorrer do processo interpretativo, o pesquisador sinta a necessidade de transitar

entre um e outro ou, até mesmo, de combiná-los. Essa codificação é aqui compreendida como o meio pelo qual os dados são separados, explicados e combinados de outras formas, se constituindo como parte fundamental da construção de teorias. Tal processo se realiza por meio da abstração, à medida que os códigos ou conceitos ligados aos dados empíricos são ordenados, inicialmente, com um alto nível de proximidade do material, adquirindo, em seguida, um aspecto mais abstrato, até chegar na etapa de categorização, a qual se constitui como a síntese de conceitos em conceitos genéricos e na relação entre eles (Flick, 2009).

A primeira etapa desse processo consiste na codificação aberta, a qual é caracterizada pela realização manual da leitura dos discursos dos sujeitos participantes da pesquisa, seguida pela codificação de palavras ou frases que manifestam o substancial da fala dos sujeitos. Diz respeito a leitura atenta das palavras, frases, gestos, olhares, movimentos, para posterior análise, reflexão e descrição. Trata-se de conferir significados (palavras/expressões) a cada código extraído da leitura, originando os códigos preliminares. No geral, essa é uma etapa que permite uma maior proximidade do pesquisador com os dados, no sentido de que este irá desvelar os textos, identificar conceitos, elaborar comparações de similaridades e diferenças, chegando, finalmente, na definição de categorias (Dantas et al., 2009; Strauss & Corbin, 1990).

Em seguida, é realizada a codificação axial, que consiste na reorganização dos códigos produzidos na etapa anterior originando os códigos conceituais, cuja finalidade é o alcance de um nível maior de abstração gerando outras combinações para a formação de subcategorias (Dantas et al., 2009). Estas, por sua vez, são relacionadas às categorias em um processo axial, ou seja, que acontece em torno de uma base, reunindo as categorias a partir de suas propriedades, juntamente com a elaboração de explicações objetivas sobre o fenômeno investigado. Essa interpretação mais precisa do objeto de estudo pode ser orientada por questionamentos referentes a "como ocorre", "porque ocorre", "quando ocorre", "quem interfere" e etc., permitindo que o pesquisador aprofunde as explicações do fenômeno quanto às suas especificidades e dimensões (Baggio & Erdmann, 2011).

No terceiro momento desse processo interpretativo, definido como codificação seletiva, ocorre o aprimoramento das categorias e subcategorias, quando estas são organizadas, discutidas, comparadas e continuamente analisadas com o objetivo de reconhecer uma categoria central ou fenômeno. Esta categoria central é o resultado da integração dos principais pontos extraídos até aqui, a qual permeia entre as demais categorias consistindo na teoria de estudo. É, dessa forma, um conceito tão amplo quanto abstrato, resultante do empenho de fazer emergir do aporte teórico do material a teoria da pesquisa (Santos et al., 2017; Dantas et al., 2009).

Como forma de redigir essa teoria e estruturar sua apresentação, Strauss e Corbin (1990) sugerem o seguimento de uma história analítica, com privilégio da conceitualização em detrimento da descrição, além da caracterização clara das relações entre as categorias e os níveis de conceitualização e o esclarecimento quanto aos aspectos específicos mais importantes ocorridos ao longo da construção da teoria e seus condicionantes. Os autores recomendam ainda que esta redação

seja organizada, inicialmente, através da elaboração de um esboço lógico, seguido por uma apresentação visual de sua estrutura central, como uma forma de permitir a visualização da teoria de maneira concisa por meio da interligação de conceitos e estratégias (Flick, 2008).

Compreende-se, portanto, que ao longo da construção das teorias a postura metodológica do pesquisador deve conservar um nível de abertura necessário para contemplar a abrangência de múltiplos agentes, a identificação de novas situações e as possibilidades de adequação destas na análise. Essa abertura do pesquisador se sustenta na consciência do caráter provisório de todo processo de construção da teoria, sua fluidez e adequação à temporalidade e ao processo (Strauss & Corbin, 1997).

É, dessa forma, permanecer no limiar entre uma sólida preparação teórica e uma abertura para experimentar os eventos que podem ocorrer em campo, se permitindo entrar no mundo dos sujeitos na busca pelo o entendimento dos princípios que regem sua vida, é manter uma consciência aberta quanto a valorização dos interesses dos atores pesquisados em relação a teoria, é despojar-se da vaidade de quem julga saber algo e entrar em campo como comum (Minayo & Costa, 2018), sempre mantendo uma conduta de reflexão quanto a sua prática enquanto pesquisador.

CONCLUSÕES

De modo geral, consideramos que a pesquisa qualitativa está inserida dentro de um contexto investigativo marcado pela subjetividade que se estende a todos os elementos que compõem este cenário de investigação, desde o pesquisador até o objeto de estudo e todos os elementos que se encontram nesta relação. Em outras palavras, vemos que essa abordagem se caracteriza pela importância da subjetividade dos sujeitos pesquisadores e pesquisados. Isso determina que neste tipo de pesquisa a compreensão do fenômeno em estudo é construída através da participação dos diferentes atores que, de forma direta ou indireta, estão em relação com o objeto de estudo, exercendo influência sobre ele ao passo que são influenciados.

Dessa perspectiva compreendemos o forte vínculo da investigação qualitativa com o princípio da abertura, a medida que esta solita do pesquisador uma disposição para chegar até o fenômeno investigado, buscando compreendê-lo a partir dos diferentes aspectos que o determinam. Isso indica abrir mão de concepções pré-concebidas e se lançar na dinâmica do contexto de investigação, preservando uma postura de abertura frente às subjetividades dos sujeitos, suas vivências, costumes, pensamentos e, sobretudo, a forma como estes consideram o objeto de estudo. Essa atitude do pesquisador se mantém ao longo de toda pesquisa, a qual precede uma constante reflexão sobre os procedimentos adotados na investigação, a disponibilidade de mudança, adequação ou substituição de métodos e estratégias, com vistas a uma melhor interpretação do fenômeno estudado.

É o entendimento de que a compreensão do objeto de estudo parte de uma abertura que permeia por todas as etapas da investigação, desde a definição do

problema de pesquisa até o tratamento dos dados e a apresentação dos resultados, uma abertura em deixar que o objeto de estudo apareça, se mostre tal como ele é a partir do olhar daqueles que o definem. O resultado é o adiamento da estruturação teórica com a finalidade de que esta aconteça conforme o objeto de estudo vai surgindo ao longo da investigação juntamente com a participação dos demais atores participantes da pesquisa. Ao longo desse processo, as teorias vão sendo construídas a partir dos dados coletados empiricamente, cuja centralidade se fundamenta na consciência de que não existe certeza quanto a compreensão do fenômeno, não existe algo acabado, definitivo, tudo é provisório e a pesquisa é uma dinâmica que permanece sempre em movimento.

Estas discussões nos permitiram o cumprimento do objetivo inicialmente proposto, ao passo que nos oportunizou vislumbrar com um olhar mais sensível o universo subjetivo da pesquisa qualitativa e sua importância e aplicabilidade em todas as áreas do conhecimento. Isso nos levou a certeza de que o mais importante em uma investigação não é propriamente a obtenção dos resultados, mas as transformações que o processo pode gerar tanto no pesquisador quanto nos demais participantes da pesquisa.

Embora alguns desafios tenham se interpostos ao longo desta construção qualitativa do conhecimento, como por exemplo, a pouca familiaridade com determinados termos técnicos, o que exigiu uma leitura mais atenciosa sobre o assunto, além da dificuldade inicial em compreender, de fato, do que se tratava o princípio de abertura, visto que na literatura não há uma quantidade expressiva de estudos centrados nesta temática, entendemos que estes desafios fazem parte do processo de ensino aprendizagem e que, de certa forma, são fundamentais para o nosso aperfeiçoamento enquanto pesquisadores, no sentido de fomentar diálogos, partilhas e produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- Alves, A. J. (1991). O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de pesquisa*, (77) 53-61.
- Andrews, T.; Mariano, G. J. S; Santos, J. L. G.; Timmons, K. K. y Silva, F. H. (2017). A metodologia da teoria fundamentada nos dados clássica: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 26(4) 1-9. <https://doi.org/10.1590/0104-070720170001560017>
- Araújo, C. M.; Oliveira, M. C. S. L. & Rossato, M. (2018). O sujeito na pesquisa qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-7. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33316>
- Augusto. C. T., Souza. J. P.; Dellagnelo, E. H. L. & Cario, S. A. F. (2013). Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 51(4), 745-764. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032013000400007>

- Baggio, M. A., & Erdmann, A. L. (2011). Teoria fundamentada nos dados ou Grounded Theory e o uso na investigação em Enfermagem no Brasil. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(3), 177-188.
- Bicudo, M. A. V. (2021). A lógica da pesquisa qualitativa e os modos de procedimentos nela fundados. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 9(22), 540-552. <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ>.
- Bicudo, M. A. V. (2012) A pesquisa em educação matemática: a prevalência da abordagem qualitativa. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia*, 5(2), 12-26.
- Bosi, M. L. M. (2012). Pesquisa qualitativa em saúde coletiva: panorama e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3) 575-586.
- Brito, J. W. R. (2019). A compreensão do outro enquanto abertura ao diálogo na hermenêutica filosófica de H.-G. Gadamer. *Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*, 11(26) 54-69. <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2019.v11.n26.05.p54>
- Dantas, C. C.; Leite, J. L.; Lima, S. B. S. & Stipp, M. A. C. (2009). Teoria fundamentada nos dados-aspectos conceituais e operacionais: metodologia possível de ser aplicada na pesquisa em enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 17, 573-579.
- Dias, G. F.; Souza N. R. A. & Ramos, A. S. M. (2019). O que diriam popper e adorno sobre o método da teoria fundamentada? *Revista de Administração Unimep*, 17(2), 210-228.
- Flick, U. (2004). *Introdução à pesquisa qualitativa* (2ª ed.) [Introduction to qualitative research]. Bookman.
- Flick, U. (2008). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (3ª ed.) [Introduction to qualitative research] Artmed.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3ª ed.) [Introduction to qualitative research] Artemed.
- Fonseca, E. R. (2017). Freud e a metáfora do jogo de xadrez: sobre a técnica da psicanálise freudiana. *ANPOF-Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia*, 137-153.
- Freud, S. (2006). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (1ª Ed). Imago Editora
- Gadamer, H. G. (2002). *Verdade e Método II: complementos e índices*. Vozes.
- Gadamer, H. G. (2015). *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. (15ª ed). Vozes.
- Gasque, K. C. G. D. (2007). Teoria fundamentada: nova perspectiva à pesquisa exploratória. In: Mueller, S. P. M. (Eds.). *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*. Thesaurus
- Glaser, B. & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory*. Aldine Press.
- González, F. E. (2020). Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 8(17), 155-183. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322>
- González, F. E. & Villegas, M. M. (2009). Fundamentos epistemológicos en la construcción de una metódica de investigación. *Atos de Pesquisa em*

- Educação*, 4(1), 89-121. <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2009v4n1p89-121>
- Griffiths, D. (2021). Teleologia. *Journal of Teleological Science*, 1(2), 16-21.
- Heck, M. F. (2019). Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições. *Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, 8(2), 1-4.
- Heidegger, M. (2014). *Ser e tempo* (10ª Ed). Vozes.
- Hermann, N. (2014). A questão do outro e o diálogo. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 477-493.
- Júnior, R. D. & Costa, M. L. (2020). Preconceito ou pré-conceito? Construindo sentidos sobre preconceito e saúde à luz da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer: uma revisão integrativa. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, 9(1), 223-252. DOI: 10.12957/ek.2020.47717
- Koerich, C.; Copelli, F. H. S.; Lanzoni, G. M. M.; Magalhães, A. L. P. & Erdmann, A. L. (2018). Teoria fundamentada nos dados: evidenciando divergências e contribuições para a pesquisa em enfermagem. *Revista Mineira de Enfermagem*, 22, 1-6. DOI: 10.5935/1415-2762.20180014
- Lazzarin, L. F. (2017). Bases epistemológicas da pesquisa em educação. (1ª Ed).RS.
- Mattos, P. L. C. (2011). "Os resultados desta pesquisa (qualitativa) não podem ser generalizados": pondo os pingos nos is de tal ressalva. *Cadernos Ebape. BR*, 9, 450-468.
- Martino, L. M. S. y Marques, A. C. S. (2018). A afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação. *MATRIZES*, 12(2), 217-234.
- Medeiros, A. P.; Santos, J. L. G. & Erdmann, R. (2020). A teoria fundamentada nos dados na pesquisa em administração: evidências e reflexões. *Ciências da Administração*, 21(54), 95-110. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2019.e60548>
- Minayo, M. C. S. & Costa, A. P. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40(40), 139-153.
- Patias, N. D. & Hohendorff, J. V. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em estudo*, 24. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>
- Peres, V. L. A. (2019). Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 27(1), 145-148. <http://dx.doi.org/10.15329/0104-5393.20190016>
- Pinto, J. F. & Paula, A. P. P. (2018). Contribuições da epistemologia qualitativa de González Rey para estudos Transdisciplinares. *Psicologia & Sociedade*, 30 1-11. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30166100>
- Prigol, E. L. & Behrens, M. A. (2019). Teoria Fundamentada: metodologia aplicada na pesquisa em educação. *Educação & Realidade*, 44(3), 1-20. <https://doi.org/10.1590/2175-623684611>
- Rey, F. L. G. (2011). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia-caminhos e desafios*. Cengage Learning Editores.
- Santos, G. L. J.; Cunha, S. K.; Adamy, K. E.; Backes, S. T. M.; Leite, L. J. & Sousa, M. G. F. (2017). Análise de dados: comparação entre as diferentes

- perspectivas metodológicas da Teoria Fundamentada nos Dados. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 52, 1-9. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017021803303>
- Silva, L. F., Russo, R. D. F. S. M., & De Oliveira, P. S. G. (2018). Quantitativa ou qualitativa? um alinhamento entre pesquisa, pesquisador e achados em pesquisas sociais. *Revista Pretexto*, 30-45.
- Souza, Z. A. & Bellochio, C. R. (2019). A Teoria Fundamentada na pesquisa qualitativa em educação musical: delimitações conceituais, construções e potenciais. *OPUS*, 25 (2), 1-16. DOI 10.20504/opus2019b2501
- Spence, D. G. (2017). Supervising for robust hermeneutic phenomenology: Reflexive engagement within horizons of understanding. *Qualitative health research*, 27 (6), 836-842.
- Stefani, J. & Cruz, N. O. (2019). Compreensão e linguagem em Heidegger: existência, abertura ontológica E hermenêutica. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 14, 112-127.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. Sage Publications.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1997). *Metodologia da Teoria Fundamentada*. Tradução: Frederico José Andries Lopes.
- Zanette, M. S. (2017). Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. *Educar em Revista*, 65 <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47454>